

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 8 - Florianópolis, 24 de agosto de 2025

A Arte do Registro

“Quem registra tem memória, quem não registra tem lembranças”

Madalena Freire

Iniciamos o presente trabalho com a proposição da importância do registro para o vigorar de uma memória. Florada perene. A irrupção da semente pronta. A ilha que se mantém emersa. A sinal de qualquer dúvida, basta consultar: uma breve mirada ou delongar-se no olhar revela que tal caminho já foi percorrido.

É possível que muitos detalhes tenham sido perdidos, ou mesmo uma dimensão maior não tenha sido contemplada na primeira passagem. Possível não, provável. É impossível abarcar a totalidade. O caminho e o caminhante mudam. Já dizia Heráclito que *o homem não entra no mesmo rio duas vezes*. É preciso consciência para não cair no mesmo buraco. Consciência no olhar, no pisar: clareza, movimento, intenção. *Desejo, necessidade, vontade*, como cantam os Titãs. Jung (1989) nos adverte em epígrafe: “Os que tem vontade, o destino os conduz, os que não tem, o destino os arrasta” (para dentro dos mesmo buracos, inclusive).

Com o intuito de transitar (e voltar a transitar) pelos campos que se apresentam a nós e que também buscamos (mais ou menos conscientemente) de maneira mais significativa, é importante conhecer tais geografias. Vales, picos, rios, lagos, vegetação, clima. As formações rochosas, as sazonalidades, a interação entre as espécies. Dentre tantas mudanças, o registro se apresenta como forte aliado nesse (re)conhecimento de campo. Acerca disso, diz-nos Madalena Freire *in* LAUREANO (2005):

O registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. Permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer sinalizando para o estudo e busca de fundamentação teórica.... O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada. (2005)

O registro serve ao indivíduo, ao coletivo e aos coletivos inerentes a cada indivíduo. Afinal, é sabido - e/ou vivido - que todos nós trazemos internamente, muitos *eus*. Registrar serve para conhecer, fazer memória, realizar história de quem se é. É a primeira vez que me deparo com essa intempérie? Se não, como aquele *eu* se viu diante daquela desventura? Enfrentou, escondeu-se? De que formas agiu, por quais motivos e com quais motivações? Cada acidente geográfico - natural ou artificial, interno ou externo - relata relevos: elevações e depressões, enchentes e desertos. Contam uma história de trajetória de mudanças graduais e repentinas. Cada marca faz função de referenciar. A marca pode nomear fronteiras. Onde se encerra e se inicia um território. A marca é um registro e o registro da marca transcorre de maneiras diversas.

Propomos aqui uma depuração no sentido de *registro* trazido no excerto acima por Madalena Freire: que o registro não seja apenas via palavra grafada. O verbo é língua comum, aquela compartilhada e construída coletivamente, que traz indicativos de tempo, lugar e sujeitos mais ou menos determinados. Simultaneamente, a palavra escrita tem a capacidade de transcender tais instâncias. Sim, muito conhecemos da natureza humana por meio de escritos que percorrem séculos e continentes. Contudo, da mesma forma, também conhecemos da história pessoal e coletiva por meio das imagens registradas em barro e telas.

Mais especificamente no trabalho clínico de análise, o registro se faz um companheiro de viagem muito precioso. Tanto para analista quanto para analisando. O inconsciente que se revela quer ter pista para pousar. Registrar sonhos, fantasias, situações, emoções é dar corpo à psique. O registro não precisa ser *diário*, mas se quiser, pode. Quando nos rendemos ao registro, recrutamos a consciência. Nos referenciar àquilo que foi registrado é reverenciar a memória. Aquilo que já foi quando é registrado no momento presente, será menção futura. Memória da letra, memória

do corpo. É trazer ancoragem aos conteúdos inconscientes, é uma maneira de re-avistar e visitar as ilhas que outrora despontaram.

Jung (2012) nos traz em seu texto *A função transcendente*, que “Há pessoas (...) que nada vêem ou escutam dentro de si, mas suas *mãos* são capazes de dar expressão concreta aos conteúdos do inconsciente. Esses pacientes podem utilizar-se vantajosamente de materiais plásticos.” (O. C. VIII/2, §171). Se nos dispormos a laborar tais conteúdos seguindo a lei da *Similia similibus curentur*, a qual postula que semelhante cura semelhante, - sendo este apenas um caminho possível -, observamos que conteúdos que emergem mais indiferenciados pousam melhor em água. As aquarelas, os borrões de tinta diluída, a lama. Bem como aqueles mais discriminados podem exprimir suas nuances facilmente por vias mais diretas. Elementos mais estruturados trazem a borda firme em si: o lápis, a agulha, a palavra. Cada conteúdo escolhe ou não seu registro.

Ao nos libertarmos da tirania cortical, como nos diz Boechat *apud* Urrutigaray (2011), e nos rendermos à expressão do corpo vivo, deixamos caminho aberto à revelação do desconhecido. Sem as regras gramaticais, a mão pode trazer à tona o primitivo em nós; a criança, ávida por conhecer(-se) (n)o mundo; o novo; o estrangeiro. Sem a ordem do verbo, também o ego pode dar passagem para o inconsciente.

Ainda n’*A função transcendente*, Jung (2012) coloca:

Importa menos uma descrição tecnicamente e esteticamente satisfatória, do que deixar campo livre à fantasia, e que tudo se faça *do melhor modo possível*. (...) Aqui também tem-se um produto que foi influenciado tanto pela consciência como pelo inconsciente, produto que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância por parte da consciência. (O. C. VIII/2, §168)

A rendição do ego, o dar-se em sacrifício, o tiro no escuro, o salto de fé. Todo esse movimento, fácil e difícil, merece ser visto e contemplado tantas quantas forem as vezes, por isso a importância do registro. “A vida tem de ser conquistada sempre e de novo”, como Jung (2012), de forma bela, nos diz no mesmo texto, *A função transcendente* (O. C. VIII/2, §142). Celebrar a realização de algo que até então não se sabia da existência, ou do formato, cor, cheiro, textura. O corpo como registro e

registrador. Ativo e passivo nesse processo. A mão que é controlada por algo que quer se revelar.

Encontramos Jung (2012) dissertando sobre obras de arte que praticamente se impõe ao autor, em seu livro *O espírito na arte e na ciência*:

(...) sua mão é de certo modo assumida, sua pena escreve coisas que sua própria mente vê com espanto. A obra traz em si sua própria forma; tudo aquilo que ele gostaria de acrescentar, será recusado; tudo aquilo que ele não gostaria de aceitar, será a ele imposto. (O. C. XV, § 110).

Lançar mão dos registros é celebrar uma caminhada. Rever antigos álbuns de fotografias é rememorar, lembrar de si, se (re)ver em outras épocas. É um resgate de outros *eus* que caminharam por nossa vida e seguem mais ou menos atuantes ao nosso lado. É chamar para perto quem se distanciou, quem ficou em algum lugar. É despertar quem adormeceu dentro de nós. É encarnar a trajetória. Assim, embrenhar-se na jornada se alinha à própria prática de documentar. A realização da *obra* requer disposição e disponibilidade. *Religio* ao *Religare*. Debruçar-se, estar comprometido. No Livro Negro 1, Shandassani conta sobre a instrução deixada por Jung:

Devo aconselhá-la a anotar tudo tão lindamente quanto consegue – em algum livro lindamente encadernado. [...] Quando essas coisas estiverem em um livro precioso, você pode ir ao livro e virar as páginas e para você será sua igreja – sua catedral – os lugares silenciosos do seu espírito, onde encontrará renovação. Se alguém lhe disser que isso é mórbido ou neurótico e você ouvir – então você perderá sua alma – pois sua alma está naquele livro. (Jung, Os Livros Negros 1, p. 93-94).

A arte da *Coagulatio*: Trazer ideias, sentimentos, sensações, inspirações, sonhos para a materialidade. Demorar-se. Permitir se fazer ver e ser visto. Tocado. O registro enquanto arte e a arte de registrar “*do melhor modo possível*”. Se valer dos recursos disponíveis, inventar, reinventar, buscar outros. Com o caderno em mãos temos parâmetros dos incessantes e das permanências. Há evidência do tempo que separa semente e flor.

Emprestaremos o registro de Trasel (2018) acerca do Registro da práxis docente, num alinhavo metalinguístico: “Ostetto (2012, p. 20) pondera que “registrar tem a ver com criação. Criação de histórias, de enredos, de práticas. Criação/recriação de si mesmo. Reinvenção do cotidiano”, além de que,

Como nos diz Maria Isabel Leite (2004, p. 26), no ato de registrar trata-se “de deixar rastros. Reconhecer-se e expressar-se. Fazer-se presente, sujeito da memória e da história”. Ao escrever e refletir sobre o escrito que, por sua vez, reflete a prática, o professor pode fazer teoria, tecer pensamentos-vida. Escrever o que faz. Repensa o que faz. Redefine o que faz. Reafirma o que faz. Percebe limites e possibilidades de sua prática. Procura alternativas. O registro [...] é, pois, um instrumento que articula e alimenta a ligação entre teoria e prática, entre as aprendizagens já realizadas e os novos conhecimentos.” (p.5)

No campo da ciência o registro é fundamental: observar, perguntar, hipotetizar, fazer previsões e experimentos. Somente com os dados desse processo em mãos é possível analisá-los e concluir se a hipótese foi ou não confirmada e partir para repetições e desdobramentos da pesquisa. Na Psicologia, à exemplo dos alquimistas, somos artistas na ciência de buscar compreensão da Alma. Somos sujeito e objeto do estudo: É a psique que estuda a própria psique. Quanto mais nosso caderno estiver recheado de impressões, sensações, emoções, ideias, imagens, mais teremos indicações de por onde seguir: se nos mantemos na via calçada, ou se é hora de arriscar abrir mata virgem.

REFERÊNCIAS

URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia, a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: Wak, 2011

FREIRE, Madalena. O papel do registro na formação do educador. Site: <http://www.pedagogico.com.br/edicoes/8/artigo2242-1> em 01-5-2005 in LAUREANO, Renata E. - Reinventando sentidos e significados: memória e experiência em

processos de formação profissional pintando a infância: uma experiência de registro disponível em

<<https://alb.org.br/arquivo->

[morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/LaureanoRenataEsmi.htm](https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/LaureanoRenataEsmi.htm)> acesso em

20 de abril de 2025

JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique OC 8/2. Petrópolis: Vozes, 2012

JUNG, Carl Gustav. Freud e a Psicanálise OC 4. Petrópolis: Vozes, 1989

JUNG, Carl Gustav. O espírito na arte e na ciência OC 15. Petrópolis: Vozes, 2012

JUNG, Carl Gustav. Os Livros Negros 1, Petrópolis: Vozes, 2020

TRASEL, Bruna Barboza, PARA ALÉM DA FORMAÇÃO CONTINUADA EM CONTEXTO: O REGISTRO DA PRÁXIS DOCENTE, artigo apresentado no Salão do Conhecimento - Injuí, 2018, disponível em <

<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/10267/8930> > acesso em 20 de abril de 2025